

Denilson Lopes

Universidade Federal do

Rio de Janeiro - UFRJ

E-mail:

denilson.lopes@eco.ufrj.br



Este trabalho está licenciado sob
uma licença [Creative Commons
Attribution 4.0 International
License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Copyright (©):

Aos autores pertence o direito
exclusivo de utilização ou
reprodução

ISSN: 2175-8689

Queer contra Gênero*Queer against gender**Queer contra lo género*

Lopes, D. Queer contra o gênero. *Revista Eco-Pós*, 28(2),
47–59. <https://doi.org/10.29146/eco-ps.v28i2.28610>

RESUMO

Apresento uma história pessoal a partir da minha relação com os estudos queer e o contexto da arte desde os anos 1990 através dos afetos, campo que me interessa mais do que o próprio debate de gênero. Talvez hoje, todo o corolário sobre papéis e posições, binarismos e fluidez não tenham tido uma centralidade na minha leitura. Pela via dos afetos, busco as imagens e deixo elas falarem. Diante da compulsão do último século e do atual de falar de si, vislumbro a aventura da invisibilidade, do silêncio, do sublime a partir do queer.

PALAVRAS-CHAVE: *Queer, afeto, arte, autobiografia.*

ABSTRACT

I present a personal story based on my relationship with queer studies and the context of art since the 1990s, approached through the lens of affect—a field that interests me more than the gender debate itself. Perhaps today, all the discourse around roles and positions, binaries and fluidity, has not held a central place in my reading. Through affect, I seek out images and let them speak. In the face of the compulsion—both in the last century and today—to speak about oneself, I glimpse the adventure of invisibility, of silence, of the sublime through the queer.

KEYWORDS: *Queer, affect, art, autobiography.*

RESUMEN

Presento una historia personal a partir de mi relación con los estudios queer y el contexto del arte desde los años 1990, a través de los afectos, un campo que me interesa más que el propio debate de género. Tal vez hoy, todo el corolario sobre roles y posiciones, binarismos y fluidez no haya tenido una centralidad en mi lectura. A través de los afectos, busco las imágenes y dejo que hablen. Frente a la compulsión del siglo pasado y del actual de hablar de uno mismo, vislumbro la aventura de la invisibilidad, del silencio, de lo sublime desde lo queer.

PALABRAS CLAVE: *Queer, afecto, arte, autobiografía*

Pretendo a partir de uma estória pessoal contar como me aproximei dos estudos queer na sua relação com a arte (importante frisar esta preocupação estética como a mais importante pra mim) como procurei dialogar com ela. É, portanto, um exercício autobiográfico mas, espero, não demasiado narcisista, e que talvez possa servir para dialogar com as pesquisas que desenvolvem.

Uma recorrência – e talvez eu deva a ela uma marca central pela qual sou identificado, embora reconheça nela apenas um aspecto de um espectro mais amplo de interesses – se refere aos estudos *queer*.

Voltando ao passado, o projeto que pensava se desdobrar a partir de minha tese de doutorado e primeiro livro (Nós os Mortos: Melancolia e Neo-Barroco, publicado em 1999) que seria uma busca de outras manifestações da melancolia na contemporaneidade foi modificado – talvez, agora, possa dizer interrompido – por minha ida, com bolsa-sanduíche de doutoramento sob supervisão de George Yúdice, no Centro de Estudos Culturais da City University of New York, então sob a direção de Stanley Aronowitz onde fiquei por um ano, de 1995 a 1996. Ao mesmo tempo que usufruía das bibliotecas norte-americanas (já na época as bibliotecas universitárias dos EUA e do Canadá eram interligadas e, no máximo, em três semanas consegui todos os muitos livros que descobri sobre minha tese nas línguas que podia ler) para escrever minha tese, também fui beneficiado pelo contato com novas experiências, que pouco a pouco acrescentaram elementos inesperados e geraram os germes da minha primeira pesquisa depois do doutoramento.

Se Walter Benjamin já pensava uma continuidade entre melancolia e revolução, como Olgária Matos aponta em *Os arcanos do inteiramente outro: Escola de Frankfurt, melancolia e revolução* (1989), a possibilidade concreta de politização do luto ficou mais clara para mim na militância gay, para usar o termo mais comum de então, que transformou a dor da perda pela aids em forma mesma de valorizar o presente na sua precariedade. Se o teatro do mundo barroco já me parecia como elogio das possibilidades do jogo social em um mundo sem grandes verdades, seguido na esteira que a valorização do pensamento libertino que Baudrillard fez em *Da sedução* (1991), descobri o *camp*, não só como uma sensibilidade marcada pelo exagero e pelo artifício, portanto, uma herança do Barroco, bem como um resposta gay e trans a sua exclusão social. Mais do que a vivência de uma primeira parada gay ou da celebração de todos os transgêneros no

festival Wigstock, o que mais deixou marcas em mim foi, no cotidiano da cidade, a percepção de uma sociabilidade definida por uma diversidade sexual, na falta de uma palavra melhor..

Viver, pela primeira vez, em Nova York entre 1995 e 1996 foi decisivo para ter uma vivência cultural e afetiva diversificada que até então nunca tivera de forma tão intensa. Foi quando também quando tive contato mais próximo com os estudos culturais, na sua versão norte-americana, que incluiria decisivamente um diálogo com os estudos de gênero e, no que mais me interessou, com os estudos *queer*. Mais do que algo exclusivamente acadêmico, o momento *queer*¹, para usar a expressão de uma das mais importantes pioneiras nessa área, Eve Kosofsky Sedgwick, não era só uma proposta política crítica ao assimilacionismo, mas sobretudo, para mim, e isso devo também muito a Sedgwick, mais do que a Judith Butler, uma outra forma de ler arte, especialmente, a literatura para além dos limites dos estudos de representação.

Seu segundo livro, *Between men: English literature and male homosocial desire* (1985), que discutia a homossociabilidade masculina, foi muito importante para que eu pudesse pensar uma homoafetividade masculina quando voltei ao Brasil, que se relaciona aos limites entre o amor e a amizade. Nesse momento, entre 1995 e 1996, o curso de Jacques Derrida junto com Agnes Heller na New School for Social Research sobre a amizade fazia todo sentido não só no plano afetivo, como crítica ao amor romântico, ao sexo-rei mapeado por Foucault bem como a sua visão de amizade sugerida na entrevista “Da amizade como modo de vida” restrita ao mundo masculino, mas como uma senha para o cruzamento entre o pensamento pós-estruturalista e os estudos culturais, evitando uma polarização entre os defensores da identidade e os partidários da diferença.

Além do impacto dos estudos *queer*, conheci o programa de pós-graduação transdisciplinar em Performance Studies da New York University, no qual pude ser ouvinte de José Muñoz, em curso que despertou curiosidade entre amigos no Brasil para saber quais eram os deveres de casa. Curso que tinha o título de Sex in Public. José Muñoz era então professor recém-contratado e preparando a edição de *Disidentifications* (seu primeiro livro publicado em 1999, feliz encontro entre os estudos latinos e os estudos *queer*, próximo às preocupações do hoje chamado feminismo interseccional.

¹ Existe já uma longa discussão sobre o termo *queer*, mas, simplificada, poderíamos dizer que seu sentido original (“estranho”) e seu uso mais contemporâneo, como ofensa (“bicha”), foram traduzidos não só como uma posituação de uma imagem negativa, mas também, e principalmente, como elogio do diferente para além de guetos.

Além disso, eis que, educado pelo pós-estruturalismo, principalmente por Roland Barthes, Foucault, e depois Deleuze, eu descobria, cada vez mais, um pensamento latino-americano contemporâneo em Nova York, que me fez olhar, de forma diferente, a própria cultura brasileira e ampliou as descobertas feitas nos congressos da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC) que comecei a frequentar a partir de 1992. Até então o que conhecia da América hispânica não era muito diferente do que conhecia um estudante educado na Europa e nos EUA. Foi a partir de Nova York e da Abralic que comecei a ler não só Jesús Martín-Barbero, Néstor García Canclíni, Beatriz Sarlo, mas Nelly Richard, Alberto Moreiras, Walter Dignolo, Sylvia Molloy, Josefina Ludmer, Mary Louise Pratt e outros autores importantes para ampliar um diálogo fecundo entre a cultura norte-americana, muito mais presente no meu imaginário, e a cultura hispano-americana, geograficamente mais próxima, sobre a qual tinha bem menos informação.

Bombardeado por muitas referências intelectuais e informações das cidades de Nova York e, depois, Montreal, encontrei na obra de Silviano Santiago uma maneira de construir a minha volta ao Brasil, por redimensionar a tradição intelectual brasileira a partir de um ecletismo teórico que, no caso dele, incorpora o impacto do pensamento da diferença, sobretudo Derrida, passa pelo debate sobre a pós-modernidade e vai até o diálogo fecundo com os estudos culturais. Como estratégia, Silviano Santiago se recusa a ficar à sombra dos grandes mestres, ser comentador bem-comportado, desloca o pensamento desses autores para fora de um cânone moderno e os faz vivos. Também não se trata de um mergulho conceitual, de natureza filosófica, no entanto, talvez uma atitude mais produtiva quando se é um intelectual ou crítico nascido numa província ultramarina (citando um livro de poemas dele), que é menos a de um teórico, e mais a de um crítico e um leitor que seguem os conceitos à medida que os próprios textos os solicitam. Entre duas tentações – a de ser um teórico predestinado a ser um discípulo e comentador subserviente ou a de se manter um eterno leitor –, está um lugar modesto do ensaísta teoricamente (in)formado mas compreendendo que talvez a melhor ou possível resposta seja não se calar ou que talvez não venha na busca de uma formulação teórica difícil de ser formulada e mais ainda difícil de ser aceita geopoliticamente, mas uma resposta em diálogo, num entrelugar (termo que ele introduziu no início dos anos 1970, antes portanto de Homi Bhabha), de forma local e cosmopolita, a partir de um “material inédito”, que, enfatiza Silviano,

possa interessar dentro e fora do Brasil, estabelecendo um diálogo comparativo, e oferecer uma leitura inesperada.

A experiência *gay* e, depois, *queer* me fez pensar sobre uma excessiva e problemática teorização presente em minha tese de doutorado. Longe de me querer num gueto ou de me criar uma classificação, na volta ao Brasil, assumir-me como “crítico, (vírgula) gay”, desenvolvendo a tomada de posição de Silviano Santiago ao se posicionar como “escritor, gay” (gay como substantivo e não adjetivo), foi uma forma de refazer meu vínculo, sempre problemático, com o Brasil – pensando a identidade sempre de forma relacional, como possibilidade política, cultural e histórica ao dialogar com a esfera pública mais ampla, nunca apenas como questão formal, filosófica, abstrata.

Voltei dos EUA e defendi minha tese de doutorado em 1997. Logo depois fui realizar pesquisa como recém-doutor no Programa Avançado de Cultura Contemporânea da UFRJ, criado e durante muito tempo dirigido por Heloísa Buarque de Hollanda, hoje, Heloisa Teixeira, crítica cultural e referência para o feminismo brasileiro. A experiência foi curta (porque logo passei no concurso para ser professor na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília), no entanto, decisiva na construção de um diálogo entre o que vivenciara em Nova York e a elaboração de um projeto sobre a homossexualidade masculina na literatura brasileira.

A estratégia era, uma vez mais, comparativa, evitando isolamentos culturais, e dialógica, buscando apresentar como a questão não era só importante para um grupo, uma minoria, mas para o conjunto da sociedade brasileira. Transitando entre filmes, romances e música pop, procurei dar uma resposta pessoal por meio de ensaios em que se misturavam textos escritos em primeira pessoa com reflexões teóricas, críticas de obras e de produtos culturais específicos. Esses ensaios autobiográficos, como os chamei, foram editados em 2002, na forma de livro: *O homem que amava rapazes e outros ensaios*.

Se boa parte do que foi escrito sobre experiências gays, lésbicas e trans no Brasil até os anos 1990 foi centrada na história e nas ciências sociais, em especial, na antropologia, procurei escrever um livro em diálogo com essa produção brasileira, buscando o queer antes do queer, ou seja, antes dos anos 1990, tentando, contudo, aprofundar teoricamente o debate sob uma perspectiva cultural, estética e artística, desenvolvendo questões como a de uma *homotextualidade* (termo hoje esquecido de Jacob Stockinger), de uma estética do artifício centrada no *camp*, de uma performatividade travesti como base para pensar a transitividade das

subjetividades contemporâneas, da homoafetividade como forma de trazer o debate sobre a sexualidade para o campo de uma ética centrada na amizade e do retorno à experiência como base para a discussão sobre a identidade.

Além de Silviano Santiago, já mencionado, os trabalhos dos escritores Caio Fernando Abreu e João Gilberto Noll me serviram de guia nessa resposta ao debate norte-americano dos estudos culturais e da teoria *queer*, bem como de pontos de partida para pensar a produção audiovisual e a cultura pop numa perspectiva comparada que incorporasse a América Latina. Para que estudos *queer* no Brasil? Essa questão era muito importante em 1997, quando comecei a trabalhar como professor universitário e, creio, que não só para mim mas para toda uma geração que se vinculou aos estudos queer no final dos anos 1990. Não queria virar um rapaz que estava trazendo a última novidade da metrópole, o termo que não era conhecido, ou autores desconhecidos. Não queria virar um comentador, divulgador nem discípulo. Era fundamental pensar em que esse debate me ajudaria nas minhas pesquisas e na forma como eu me via. Como já falei de Silviano Santiago, João Gilberto Noll, com seus personagens sempre à deriva, na estrada (on the road), tornou o diretor de cinema alemão Wim Wenders, que se tornou uma das minhas grandes paixões cinematográficas então, mais próximo. Mas sobretudo me ensinou como a experiência (termo que vem não só de Walter Benjamin mas de Joan Scott), conceito mais produtivo do que o de lugar de fala, atualmente tão popular no Brasil, entre homens pode dissolver a dualidade homo e heterossexualidade, algo já presente, logo, no primeiro conto, “Alguma coisa urgentemente”, do seu primeiro livro *O cego e a dançarina* (1980), adaptado para o cinema em 1984, por Murilo Salles, como *Nunca fomos tão felizes, meu filme favorito sobre a ditadura no Brasil (MOSTRA CAPA E FILME)*. Conto e filme foram os que mais tiveram um impacto formador para me situar entre uma geração anterior, que virou ou desejou ser guerrilheira, e outra, como a minha, mais interessada no mundo da mídia, da TV, da música pop, entre a disco e o punk, a música eletrônica, o pós-punk e o shoegazer, e, claro, da sexualidade.

Já Caio Fernando Abreu me trouxe uma história afetiva do Brasil desde o adolescente tímido do interior do Rio Grande do Sul à guinada contracultural com direito de viagem a Londres, até o impacto da AIDS, na passagem da juventude para a vida adulta, do artista marginal à visibilidade midiática. Com os escritos de Caio veio não só a figura protogay que só depois soube nomear, a do adolescente tímido, e, mais ainda, a adolescência como modo de vida, na dificuldade com a vida prática, a insegurança afetiva, que me marcou (e ainda me marca). A partir

de Caio me aproximei de uma forma de encontrar os anos 60 e 70 no Brasil pela contracultura com a qual minha sensibilidade pós-punk, especialmente gótica, não demonstrava muita proximidade.

Em *O homem que amava rapazes* (2002), também dei mais um passo na busca de um texto mais pessoal dentro da universidade, na proposta do que mencionei, de uma crítica autobiográfica, articulando as obras de Michel Foucault e Roland Barthes com a tradição dos estudos queer. Parte do título levou alguns leitores rapidamente a pensar que fosse um romance, mas eram ensaios, e minha resposta ao que os estudos *queer* poderiam dizer sobre a cultura brasileira – mesmo que a palavra *queer* não estivesse no título –, tendo evitado o quanto pude usá-la. Hoje acho o termo *queer* mais compreensível do que há vinte anos.

Diferente de meu primeiro livro, que teve uma recepção bastante modesta dentro de um público mais especializado, tive a oportunidade de lançar esse meu segundo livro em dez capitais de estado pelo Brasil, onde sempre despertava o interesse da imprensa escrita. Num momento de maior visibilidade das questões de diversidade sexual na sociedade, na mídia e na universidade, *O homem que amava rapazes* me abriu portas no Brasil e, mesmo no exterior, apesar de não ter sido traduzido, para publicar, fazer conferências, alargar diálogos, mas, de certa forma, me criou uma imagem difícil de mudar. Sempre estranhei ser visto como especialista em estudos de gênero ou mesmo em estudos *queer*, mas sempre somos o que achamos que somos e como os outros nos veem...

A necessidade de ampliação desse debate fez com que eu tomasse parte na criação da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura (ABEH, hoje ABETH, Associação Brasileira de Estudos da Trans-Homocultura, associação interdisciplinar que congrega pesquisadores de todo o Brasil e do exterior em seus congressos bianuais, diferente, da ABGLT, que congrega os ativistas. A origem da ABEH remonta a um encontro de jovens doutores na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada em 1998, quando propus junto com Christopher Larkosh, já falecido, e Marcelo Secron Bessa, autor de dois livros fundamentais sobre a AIDS e arte (*Histórias Positivas* e *Perigosos: Autobiografia e Aids*), e a direção da Abralic aprovou, a primeira mesa, salvo engano, da história da associação, exclusivamente voltada aos estudos queer, chamada, de forma provocativa então de “Vidas viadas, estéticas bichas”. Depois foram realizados três encontros anuais sobre literatura, cultura e homoerotismo na Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói, no Rio de Janeiro, que

amadureceram a criação da associação. Realizamos o primeiro congresso da ABEH na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) em 1992, em Vitória. Quando fui seu segundo presidente, organizamos na Universidade de Brasília, em 1994, possivelmente, até então, o maior encontro de pesquisadores sobre temas GLS, para usar um outro termo da época, da América Latina, contando com quase 200 propostas de trabalhos e o apoio de diversas instituições, com a quantidade de participantes crescendo a cada encontro. Thomas Waugh, professor da Concordia University, em Montreal, um dos grandes especialistas em erotismo e pornografia gay, fez a palestra da abertura. Uma seleção dos textos apresentados foi reunida no livro *Imagem & diversidade sexual: estudos da homocultura* (2004).

Outra atividade importante foi decorrente de passar a pertencer ao comitê da International Resource Network, organizada a partir do Center for Gay and Lesbian Studies (CLAGS) da CUNY, visando a fomentar um diálogo global entre pesquisadores. O primeiro encontro de que participei foi na Cidade do México, e os seguintes foram em Bangkok e, salvo engano, em San Juan, Porto Rico. Esses encontros reafirmaram para mim a importância de diálogo com pesquisadores latino-americanos e abriram uma possibilidade importante no redimensionamento transcultural de meus interesses ao integrarem a reflexão que veio do e sobre o Leste Asiático, especialmente da China. Então, fantasiava meu futuro em Hong Kong.

Apesar das várias possibilidades que me foram abertas, observava particularmente na universidade brasileira uma reação que oscilava entre um silêncio curioso e uma espécie de homofobia teórica, constituída por uma simpatia no campo político, sem haver um real diálogo nem reconhecimento no campo teórico ou crítico. Dito de outra forma, podia estudar o que quisesse contanto que teorias mais tradicionais e legitimadas não fossem questionadas. Penso que as feministas e os estudiosos de etnia e raça enfrentaram um problema similar.

Passados 20 anos, será que os estudos *queer* ainda servem para algo? Um modismo importado que passou? Talvez a serem ampliados ou substituídos pelo trans ou pelo não-binário, pelo pan ou pelo agênero ou assexual? Os estudos *queer*, *repito*, sobretudo me interessaram e me interessam se pode dar resposta à leitura da arte. Mas também o *queer* me interessou porque ele seria pra mim um substituto da sopa de letrinhas, para lembrar o feliz título do livro de Regina Facchini sobre o ativismo LGBTetc, e que incluía os simpatizantes ou heterossexuais não normativos. Mas as letrinhas, como sabemos, só aumentaram desde os anos 1990... Mais de quase 30 anos depois de sua emergência, o *queer* talvez tenha chegado a ter certa visibilidade no

Brasil, muito em função da polêmica em torno da exposição “Queermuseu – cartografias da diferença na arte brasileira”, censurada em Porto Alegre em 2017 e reaberta no Rio de Janeiro em 2018, até então restrita à universidade, ao campo da arte, a alguns ativistas e, infelizmente, situada dentro de polarização improdutiva teórica e politicamente entre “militantes identitários” e “universitários *queer*” e no moralismo que viceja tanto à direita quanto à esquerda, tanto nos fundamentalismos cristãos, conservadores, quanto ativismos feministas, lgbs, negros, em redes sociais e nas universidades, no que se tem chamado de batalhas morais, herdeiras talvez das guerras culturas dos anos 90 do século passado.

De todo modo, para mim era importante não ser anti-identitário. Nunca achei a identidade uma limitação, uma classificação. A identidade é algo não que tolhe mas que abre possibilidades, é relacional. Até hoje sinto necessidade de ver filmes e séries com personagens gays, mesmo ruins. Por quê? Eu não sei. Ou melhor, que, no fundo da identidade desse homem gay, cis, velho, cada vez mais do século passado há ou havia uma experiência compartilhada que foi politizada, mercantilizada e espetacularizada, mas não deixou de ser uma forma de pertencimento pelo sexo, pelo amor, pela amizade, pela família escolhidos, nas palavras de Kath Weston, pela família de amigos, para citar Nan Golding, de *queer kinships*, para lembrar o recente livro organizado pela recém-falecida Elizabeth Freeman e Teagan Bradway, longas ou fugazes, institucionais ou não, nas noites, nas festas, nos museus, pela cidade, pela internet,, ao menos para mim.

Há certo fetiche da identidade que a reduz, sem ler seus melhores estudiosos, a uma mera classificação, a uma visão sociológica que não considera a singularidade do artista e de sua obra, como há um também um fetiche da diferença, que hiperdimensiona a singularidade pouco vendo no que está em nós de repetido, recorrente. Falo isso não como uma questão teórica restrita, mas também para pensar o quanto que escrevi tem de datado, pertencente a tantos outros meus contemporâneos, da mesma geração. Essa forma de pensar, longe de me acanhar, me ajuda a estabelecer meus limites, ao menos tempo no momento em que a aposta em outras pesquisas se deu. Estive mais próximo intelectual, afetiva e institucionalmente dos estudos *queer* entre 1995 e 2002. Depois fui bem pouco a encontros e congressos de gênero, em parte por outros interesses, em parte por achar meio repetitivas as abordagens. Quando não era Butler, eram estudos de representações, estereótipos que pareciam não avançar muito. Senti necessidade de ler, ver, estudar outras coisas. Via, no campo da arte, tanto no feminismo como nos estudos *queer*

muita gente dizendo estudar e fazer estudos de gênero só focando em personagens e enredos, sem uma leitura teórica forte que ampliasse suas abordagens...

Não sei se a teoria *queer*, *cuir*, trans, decolonial ou descolonial terá futuro ou se ela será varrida do mapa e da história com todas as perspectivas dissidentes caso não saibam dialogar teórica e politicamente. Faz parte do desafio saber escolher os inimigos, comprar as lutas que valham a pena, não se provincianizar nem se mediocrizar diante da crise política, econômica e cultural que vivemos, se distanciar do vitimismo e do ressentimento, dos fundamentalismos religiosos e minoritários.

Na minha visão de hoje, talvez gênero e todo o seu corolário sobre papéis e posições, binarismos e fluidez não tenham tido papel tão central assim para o que escrevi. Certamente, hoje, o campo dos afetos é algo que me move mais. Foi pela via dos afetos que voltei a me aproximar do *queer* como categoria transversal a gênero, orientação sexual, classe, raça, etnia, reencontrando formas e gestos menores marcados pela timidez e pela vergonha, já estudadas por Sedgwick, mas também pela melancolia, como vista por Heather Love (2007), pelo fracasso, analisado por Jack Halberstam (2020), bem como pela historiografia na busca de linhagens, ancestrais e herdeiros inventados pelo deslocamento de cronormatividades e pela busca de uma eroto-historiografia, novamente citando Elizabeth Freeman (2010), por histórias contadas por lábios desenvolvidos, como o de Dana Luciano (2011) a partir de Oscar Wilde, por espectros, relatados por Carla Freccero (2006), ou por toques, pesquisados por Carolyn Dinshaw (1999), na busca não só de outras histórias, mas de outras formas de viver juntos, no espaço e no tempo, locais e cosmopolitas, presenciais e midiáticas, no seio mesmo da experiência moderna do século XX, especialmente dos anos 1930 aos anos 1990, dialogando obras e biografias, arte e vida.

Como já mencionei, minha primeira estadia anual em New York, foi crucial para me abrir os olhos a partir dos estudos *queer* e dos estudos de *performance* bem como para o encontro com críticos latino-americanos e latinos contemporâneos, que me possibilitaram um outro olhar para a própria cultura brasileira. Já meu pós-doutoramento na NYU, em 2005 e 2006, alargou meu olhar não só diante da crítica cultural chinesa, quando fui o único sul-americano presente na primeira conferência *queer* asiática realizada em Bangkok. Depois do pós-doutoramento, mudei de Brasília para o Rio de Janeiro e, em 2007, outro movimento se deu ao publicar *A delicadeza: estética, experiência e passagens*, que ao mesmo busca responder pela via da estética a certas

limitações dos estudos *queer* e, ao mesmo tempo, ao evocar a delicadeza, recupera o caminho iniciado pela discussão da melancolia por categorias e sensibilidades menores.

Parecia que minha tentativa de buscar diálogo a partir de uma visão identitária, por mais aberta que fosse, estava fadada a certo limite de alcance. Sentia necessidade de buscar outros caminhos. A isso se somou certa insatisfação pelo tipo de escritura que praticava. Quando terminei *O homem que amava rapazes* (2002), me vinha cada vez mais o desejo de diluir o sujeito em função da linguagem, da paisagem do texto, de uma escrita mais imagética, objetiva, material, não impessoal, mas deixar as imagens falarem no lugar de expressões de sentimentos. Quadros ao invés de diários. Diante da compulsão do último século e do atual de falar de si, a aventura da invisibilidade, do silêncio, do sublime. Tempo de viajar pelo desconhecido, uma vez mais. Não mais confessar, ainda que teatralmente. Contemplar e aguardar. Falar menos. Ser mais sutil e previdente, deixar o frágil *eu* se recolher um pouco, talvez para me repetir menos. Não mais mero testemunho. Criar um mundo. Ser outro. Essa sensação me trazia uma enorme fragilidade, uma sensação de ter que começar tudo de novo, talvez do zero, de me reinventar. Não sabia se teria energia, não sabia se seria capaz.

Referências

BAUDRILLARD, Jean. *Da sedução*. Campinas: Papirus, 2008.

DINSHAW, Carolyn. *Getting Medieval: Sexualities and Communities. Pre-and Postmodern*. Durham: Duke University Press, 1999.

FACCHINI, Regina. *Sopa de letrinhas? movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*. São Paulo: Garamond, 2005.

FRECCERO, Carla. *Queer/early/modern*. Durham: Duke University Press, 2006.

FREEMAN, Elizabeth. *Time binds: Queer temporalities, queer histories*. Durham: Duke University Press, 2010.

HALBERSTAM, Jack. *A arte queer do fracasso*. Recife: Cepe editora, 2020

LOVE, Heather. *Feeling backward: Loss and the politics of queer history*. Harvard University Press, 2009.

LUCIANO, Dana. Nostalgia for an age yet to come: Velvet Goldmine's queer archive. *Queer times, queer becomings*. State University of New York Press, 2011. p. 121-155.

MATOS, Olgária Chain Féres. *Os arcanos do inteiramente outro: a Escola de Frankfurt, a melancolia e a revolução*. Brasiliense: 1989.

MUNOZ, Jose Esteban. *Disidentifications: queers of color and the performance of politics*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Between men: English literature and male homosocial desire*. Columbia university press, 1985.

Denilson Lopes – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

É professor titular na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e pesquisador do CNPq.